

**ATIRE EM SOFIA, DA ESCRITORA  
SÔNIA COUTINHO: ESCRITURA E  
RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE  
AUTORIA FEMININA**

**ATIRE EM SOFIA, THE WRITER  
SÔNIA COUTINHO: WRITING  
AND RESISTANCE IN THE  
LITERATURE OF FEMALE  
AUTHORSHIP**

Catherine Santana Souza <sup>1</sup>

Sandra Maria Pereira do Sacramento <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações – UESC/BA

<sup>2</sup> Orientadora – Docente do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações – UESC/BA

**RESUMO:** A literatura de autoria feminina, como um lugar de questionamentos sobre o feminino, é um dos temas discutidos na teoria feminista e neste artigo será analisado através da trajetória do pensamento feminista no contexto da contemporaneidade. Essa análise dar-se-á a partir do romance *Atire em Sofia* (1989), da escritora Sônia Coutinho. Tal perspectiva será apontada partindo da ruptura da personagem central, Sofia, com a tradição e com a subjugação do seu corpo. A narrativa discute a condição da mulher, que sempre funcionou no discurso falocêntrico, com o significante sempre referido ao significado, sinalizando que chegou o momento de reverter o quadro e se apoderar da escritura para nela inscrever sua própria história. Para tanto, utilizaremos como base, o feminismo, a escritura feminina e as transformações ao longo dos séculos que desembocaram nos estudos de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura de autoria feminina; *Atire em Sofia*; estudos de gênero.

**ABSTRACT:** The literature on female authorship as a place for questions about the female, is one of the topics discussed in feminist theory and in this article will be reviewed by the trajectory of feminist thought in the contemporary context. This analysis will give from the novel *Atire em Sofia* (1989), the writer Sonia Coutinho. This perspective will be appointed after the rupture of the central character, Sophie, with tradition and with the subjugation of his body. The narrative discusses the status of women, which has always worked in phallogocentric discourse, the signifier always referred to the meaning, signaling that it is time to reverse the situation and take over the deed to her sign her own story. To this end, we will use as a base, feminism, women and writing changes over the centuries that resulted in gender studies.

**KEYWORDS:** literature of female authorship; *Atire em Sofia*; gender studies.

## INTRODUÇÃO

Vivemos num momento em que o feminismo atingiu o seu grau mais elevado, o movimento foi resultado das conquistas empreendidas pela Revolução Francesa (1789) e pelos posicionamentos críticos de muitas mulheres em defesa dos seus direitos políticos, ao longo dos séculos. Muitas conquistas foram alcançadas até aqui, mas a representação feminina ainda apresenta lacunas, pois caminha sob uma estrutura que foi calcada na metafísica ocidental, no fonologocentrismo, no

etnocentrismo e no falocentrismo, concepções que atestam a hegemonia do poderio do masculino sobre o feminino. O binarismo desse pensamento, no entanto, encontra-se desestabilizado e a teoria feminista serviu-se das discussões em torno dessa releitura, introduzindo as relações de gênero. “O feminismo introduziu não uma evolução, mas uma revolução na concepção da relação entre os sexos”. (COLLIN, 2002, p.61).

A história do feminismo é dividida em três momentos distintos e complementares, que, constituído inicialmente a partir de campanhas pelos direitos políticos das mulheres, construiu um percurso que foi se modificando ao longo do tempo, em conformidade com os interesses de cada época. As teorias feministas, engendradas a partir do feminismo, embora produzidas sob o contexto do pensamento ocidental, acabou por ampliar seu fomento a outras culturas. Ocorrido durante o séc. XIX e fim do século XX.

O movimento feminista buscou discutir as relações do sexo, baseando-se, inicialmente, no universalismo, onde todos eram iguais perante a lei, e à história coube mostrar que alguns aspectos, aliado ao fator biológico, durante longos séculos, serviu para relegar a mulher ao trabalho doméstico e ao cuidado com as crianças, ficando, na sua grande maioria, confinada ao lar ou explorada no subemprego. Com o passar do tempo, as mulheres buscaram garantias de igualdade, a partir do reconhecimento de que havia dois sexos, resistindo ao uno, desvelando contradições, na medida em que exigiam o espaço do homem, contradizendo o que vinha propondo, algumas décadas depois, o atual contexto da contemporaneidade, instaurou uma reviravolta, pois introduziu nos estudos feministas, o estudo de gênero, acreditando-se que este é construído socialmente, diferente do sexo, sempre tido como natural.

A literatura, em consonância com as transformações da sociedade, portanto, mudanças pertinentes ao estudo feminista, busca discutir as relações de gênero, através da escrita feminina, pois a história não mostrou, em nenhum momento, a mulher como protagonista, ao contrário sempre foi *o outro*, simbolizando a exclusão. A mulher não constituiu uma tradição

literária, participando apenas com sua imagem, na maioria das vezes, de docilidade e obediência, nas obras de escritores homens.

Posto que a literatura seja o lugar onde o pensamento subversivo pode germinar, é especialmente vergonhoso que a tradição falocêntrica tenha, em maior parte, conseguido impedir que as mulheres se expressem. A mulher não deve censurar-se e recuperar seus bens, seus órgãos, seus imensos territórios corporais que tem sido mantido embaixo de sete chaves (SELDEN, 2008, p.178)

A *escritura feminina*, termo cunhado por Hélèn Cixous, teórica feminista, relaciona este conceito com a análise da escritura como a *différance*, de Derrida, referindo-se sempre aos textos femininos que resistem à lógica falocêntrica dominante. Rompendo com a estrutura de oposição binária e contemplando um tipo de escritura mais aberta. Ainda que este termo represente uma perspectiva de resistência na literatura de autoria feminina, para Cixous, no entanto, “ele pode ser considerado inadequado, já que palavras como ‘feminino’ ou ‘masculino’ nos aprisionam em uma lógica binária”. (Moi *apud* Conley, 2006, p.118)<sup>3</sup> Cixous, objetiva desvencilhar-se da oposição masculino e feminino por acreditar na natureza eminentemente bissexual de todo ser humano dentro da visão clássica de oposição entre o homem e a mulher.

A Literatura como um espaço de resistência, tem revelado escritoras que discutem a condição da mulher, assim podemos citar Sônia Coutinho, em seu livro *Atire em Sofia* (1989), no qual busca avaliar como a mulher se estabelece na sociedade a partir de sua condição e na sua constituição identitária. A literatura de autoria feminina tem demonstrado o corpo feminino, representando uma tendência social que permite as mulheres viverem plenamente como seres humanos, sua sexualidade e transcendência como desejava Simone de Beauvoir (1980). O corpo liberado, como demonstra Elódia Xavier (2007), é uma

<sup>3</sup> Tradução da autora

perspectiva da contemporaneidade e caracteriza-se pela inconstância e invisibilidade e aqui será discutida a partir da personagem central Sofia.

A autora, através dos posicionamentos de suas personagens, questiona as grandes narrativas outrora ancoradas em certezas e que, segundo Tomaz Tadeu e Silva (2006), tornam-se desacreditadas, à medida que suas premissas, suas descrições, suas explicações, suas promessas, se encontram crescentemente em discrepância com os acontecimentos cotidianos.

## HISTORICIZANDO NAS ONDAS DO FEMINISMO

A primeira onda do feminismo fundamentou-se, sobretudo pela posição universalista que estabelece a igualdade de todos perante a lei, independente de raça ou sexo. “A diferença que caracteriza homens e mulheres é, então, em si mesma, insignificante; sua importância determinante e socialmente estruturante é um efeito das relações de poder” (COLLIN, 2009, p.62). Todo empreendimento da primeira onda está voltado, sobretudo para a dissolução das categorias “homens” e “mulheres”, especificá-las seria arriscado, pois faria emergir a possibilidade de hierarquizar tais categorias.

A exigência da igualdade inclui, tanto para meninas como para meninos, o acesso idêntico, e em condição idêntica, a todas as formas de exercício da vida humana e cidadã. A democracia deve traduzir seus princípios nos fatos, indo além da interpretação restritiva que foi até hoje a sua. “Homem” significa ser humano sem restrições. (*idem*, 2009, p.63)

A Revolução Francesa motivou sobremaneira os primeiros passos do movimento feminista, pois permitiu que a mulher lutasse por direito à igualdade, influenciando mais tarde, em meados do século XIX, a concentração de mulheres, no ocidente, em torno do mesmo ideal. Algumas dessas mulheres representaram com afinco seus posicionamentos feministas,

dentre elas, duas autoras poderiam ser lembradas por suas contribuições: Mary Wollstonecraft, através de seu livro *Vindication of the Rights of Woman*, em 1792, no qual propõe uma discussão com alguns pensadores seus contemporâneos e Virgínia Wolf, séc. XIX, que, através de sua escritura narrou a condição da mulher e o fez questionando.

Mary Wollstonecraft tornou-se importante, no âmbito da discussão feminista, porque criticou algumas posições que foram ditadas por filósofos como Rousseau, que, apesar de defender a igualdade, entre homens e mulheres, afirmou que a diferença, no entanto, exista devido a fatores biológicos, o filósofo, expoente da Revolução Francesa, afirmou, em seu livro *Emílio ou Da Educação*, ser a mulher incapaz de ser educada como os homens, pois possuía naturalmente deficiências que a subjugavam. Rousseau elaborou, neste livro, um tratado de como deveriam ser educados os homens a fim de manter a coesão social, o homem deveria ocupar os espaços públicos, enquanto à mulher era destinado o espaço privado, o cuidado com a família: “Quando a família é viva e animada, os trabalhos domésticos constituem a mais cara ocupação da mulher e o mais doce divertimento do marido” (ROUSSEAU, 2004, p.22). Esta afirmação dá uma ideia ampla de como era a submissão da mulher responsável pela manutenção da família, afastando-a da igualdade tão bem definida pela Revolução. A natureza, segundo Rousseau, não deixa dúvidas acerca de como deve se comportar uma mulher:

A razão que leva o homem ao conhecimento de seus deveres não é muito complexa; a razão que leva a mulher ao conhecimento dos seus é ainda mais simples. A obediência que deve aos filhos são consequências tão naturais e tão visíveis de sua condição, que ela não pode, sem má-fé, recusar sua aprovação ao sentimento interior que a guia, nem desconhecer o dever na inclinação que ainda não se alterou (*idem*, 2004, p.558).

Wollstonecraft foi uma das primeiras feministas a introduzir, na Inglaterra, críticas a cerca do que propunha

Rousseau, discutindo temas como o matrimônio, instituição estruturada de forma hierarquizante, onde a mulher assume o espaço da inferioridade, por ser considerada incapaz de decidir, submetida ao jugo do marido. A autora, segundo DUARTE (2002), aponta a 'concepção errônea de perfeição feminina', pela qual o bom matrimônio torna-se o único meio de elevação social das mulheres, mas ao preço de sua constante imbecilização e redução a "miseráveis objetos de prazer". (p.18). Propõe, além disso, o apagamento da hierarquia fossilizada entre natureza e cultura, rompendo com o binarismo, que coloca o homem em situação superior à mulher.

Ainda na primeira onda outra escritora inglesa é destaque para a teoria feminista, Virgínia Wolf. Busca, através da sua escrita, no início do séc. XX, desconstruir a crença numa verdade absoluta e universal a respeito da diferença dos sexos, denunciando a pobreza das mulheres e o difícil acesso à educação e ao mercado de trabalho. Para Woolf, a escrita feminina seria capaz de engendrar outra perspectiva à mulher com a participação nas decisões da sociedade, pois lhe traria a autonomia necessária, mas tal atividade só seria possível se ela tivesse herdado de sua mãe, as libras necessárias para mantê-la na universidade, a possibilidade de ter um escritório, onde pudesse passar o dia escrevendo, "o que estavam fazendo nossas mães, que não tiveram nenhuma riqueza para nos legar?" (WOOLF, p.28, 1928). O livro *Um teto todo seu*, discute as questões pertinente à mulher, como sua pobreza, sua impossibilidade de construir, com autonomia, uma estrutura financeira, a impede de construir sua tradição literária, ficando a cargo dos homens, que institucionalizam certezas sobre as mulheres, sem no mínimo consultá-las. A ideia de tradição é retomada por Simone de Beauvoir, "outra" expoente do feminismo da primeira onda, em *O Segundo sexo* (1980), ao constatar que a mulher é escrava de sua própria situação: ela não tem passado, não tem história, não tem religião própria. Ou seja, a mulher não produziu, como protagonista nenhuma, civilização.

A segunda onda do feminismo é baseada na posição diferencialista que compreende a possibilidade dos dois sexos, que teve início da década de 60 e fins da década de 70. Aqui o

movimento feminista foi caracterizado por sua resistência ao “uno” da primeira onda, representado pela ideia falocêntrica figurada no homem. Collin afirma que:

O desaparecimento da dominação deve abrir espaço para um mundo comum plural, enriquecido pelas contribuições das duas formas sexuadas da humanidade. Com efeito, a dominação masculina se apropriou do universal, truncando-o. A libertação das mulheres não é somente a superação de uma injustiça, mas também a manifestação de uma dimensão de relação com o mundo, omitida até hoje. (COLLIN, 2009, p.63)

A psicanálise foi duramente criticada pelas feministas da segunda onda. As implicações da teoria na oposição falo/útero, definindo a feminilidade em termos de falta, de “vazio”, fizeram-na posicionar-se de maneira crítica sobre a teoria de Lacan, pois acreditavam as feministas que as oposições estariam corroborando para a hierarquia, que inferioriza a mulher. O existencialismo de Beauvoir a deixa transitar também pela segunda onda, pois, embora defenda o universalismo, ela não exclui a possibilidade da diferença entre sexos, afirmando que, para a mulher tornar-se completa, seria necessário afirmar-se a partir da diferença: “O homem é um ser humano sexuado: a mulher só é um indivíduo completo, e igual ao homem, sendo também um ser sexuado. Renunciar a sua feminilidade é renunciar a uma parte de sua humanidade.” (BEAUVOIR, 1980, p.452). Para Collin, (2004), no entanto, o livro *O Segundo sexo* permanece tributário do pensamento dialético pós-hegeliano do seu tempo, que caracteriza o pensamento do sujeito e não aborda a crítica da modernidade, que servirá de pano de fundo para a terceira onda.

A terceira onda do feminismo teve início, na década de 90, baseado no pós-modernismo. Esse movimento partiu da ideia da desconstrução, proposta por Derrida e a desconstrução é um processo que desestabiliza as estruturas da metafísica ocidental nas relações de poder, que se instaura no binarismo, para Duarte:



O binarismo inerente a esse pensamento, que opõe, de um lado, a Essência e a Presença, conseqüentemente a Verdade e o bem; e, de outro, a Aparência e a Ausência, logo, a falsidade e o Mal, passará por um processo de leitura cujo empenho é vincular essa camisa de força teórica a todo um sistema que recalca a diferença e cala a voz do *outro* (DUARTE, 2002, p.14)

O apagamento das oposições faz surgir outra possibilidade de gênero, Derrida afirma que o sexo não pode ser substantificado: ele não é nem “um” nem “dois”, mas sim um momento de diferir que se traduz pelo vocábulo “diferença” (“différance”). (Duarte *apud* Derrida, 2002, p.54), esse pensamento deu origem à teoria “queer”, que se relaciona com a subversão das identidades sexuais. O conceito de complementaridade foi fundamental para a teoria ‘queer’, tal conceito é baseado na operação da linguagem, que se constitui através, de binarismos, de forma que o hegemônico só se constitui, em oposição, ao seu inferior, é desta forma, que a heterossexualidade se opõe ao homossexualismo, ambos inscritos numa relação hierárquica, onde a heterossexualidade assume sua posição hegemônica.

À teoria feminista pareceu necessário o desenvolvimento de uma linguagem que fosse capaz de representar a mulher, a fim de promover uma visibilidade política desta, visto que as mulheres eram mal representadas, ou, em muitas das vezes, não representadas. (BUTLER, 2008). Isto ocorre, sobretudo pela possibilidade de fixar limites ao imputar uma identidade à mulher que seja incapaz de contemplar suas especificidades.

Se alguém é uma mulher, isto certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica do seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistentes nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente

constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (*idem*, 2008, p.20)

A terceira onda discute a relação de sexo e gênero, para algumas feministas o gênero é uma interpretação cultural do sexo, a distinção entre sexo e gênero é introduzido no sujeito feminista e concebido para questionar a ideia de que a biologia daria conta de explicar o que se entendeu até pouco tempo como destino. Para Butler (2008), o gênero não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco, aparentemente, fixo, quanto o sexo, o gênero é a interpretação múltipla do sexo. Esse movimento subsidiará a análise que aqui se pretende sobre o romance *Atire em Sofia*, da escritora Sônia Coutinho.

## SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA

O romance *Atire em Sofia (AS)*<sup>4</sup> da escritora Sônia Coutinho possui alguns temas que perpassam pela discussão da teoria feminista, uma delas é a representação feminina, visto que as mulheres, enquanto sujeito, necessitam que suas qualificações sejam atendidas para que a representação possa de fato acontecer de forma mais ampla. O livro apresenta já no início, o rompimento de Sofia, personagem central da trama, com a tradição, demonstrando como a mulher sente-se 'irrepresentada' socialmente, pois se necessita de uma ruptura, é por não sentir-se acomodada nos modelos pré-estabelecidos. Para Foucault, os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que subsequentemente passam a representar (*apud*, Butler, 2008, p.18).

Rousseau, em *Emílio ou Da educação*, enfatiza sobre a maneira como devem se comportar as mulheres e o faz através de uma personagem que também se chama Sofia. A mulher

<sup>4</sup> A sigla AS será utilizada para referir-se ao romance *Atire em Sofia*

ideal deveria ser sábia, consistindo nisso, obedecer ao homem, seu pai ou marido. 'Sofia' (do grego *sopfos*), isto é, aquele que age com sabedoria. Para Rousseau, uma mulher agir com sabedoria significava resignar-se à sua condição de fragilidade devido ao fator natural, para Sônia Coutinho, no entanto, sabedoria para a mulher representa contrariar a tradição, não aceitar a imposição de uma vida com um roteiro estabelecido, é desta forma, que a personagem Sofia, do seu livro, questionou o seu lugar na sociedade e partiu em busca de uma vida, em que pudesse tomar suas próprias decisões, escolher e delinear sua ou suas identidades.

A (não) representação feminina decorre do fator da diferença dos sexos, daí que para a teoria feminista, tende haver a distinção de sexo e gênero, de forma a questionar a formulação de que a biologia é o destino. Para Butler (2008), a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é, culturalmente construído, portanto não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. "A diferença sexual apresentou-se como uma fronteira natural e fixa entre o político e o doméstico, isto é, entre o que representa a si mesmo e o representado; entre o autônomo e o dependente". (SCOTT, 2002).

O livro apresenta ainda outro tema, o casamento, a heterossexualidade hegemônica que se estrutura sob a hierarquia que mantém a mulher em posição de desvantagem, na medida em que se apresenta de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher, fixando limitações aos comportamentos estabelecidos. Beauvoir (1980) afirma que ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca desenvolveu nenhum tipo de reciprocidade, pois, socialmente, o homem é um indivíduo autônomo, ao passo que a mulher nunca constituiu uma casta, que fosse capaz de estabelecer permutas e contratos, em pé de igualdade, com a masculina. Essa é uma perspectiva apontada por Sofia, personagem central do livro:

Os casamentos aqui, na geração de minha mãe, eram longos exercícios de ódio. A mulher deveria permanecer sempre criança, para melhor agradar e servir ao homem. Ao longo dos séculos, seu único aprendizado foi a esperteza doméstica. Só podia tirar alguma vantagem ou satisfação da retribuição que, por acaso, os homens oferecessem por seus serviços. Prazeres físicos eram considerados inadequados, impróprios, pecaminosos, para uma mulher "direita". Gerações inteiras de mulheres de que não temos nenhuma notícia, de cuja vida não ficou registro nenhum. Mulheres de quem nada se sabe, porque a vida inteira cumpriram tarefas consideradas subalternas. Preparar comida, lavar fraldas, amamentar, cuidar de doentes agonizantes, esperar. Apenas deveres, causaria estranheza se tentassem alguma coisa diferente. Mulheres que até aqui se desabituararam de dizer "eu sou", "eu quero". (AS, 1989, p.50)

O cartesianismo influenciou sobremaneira o pensamento ocidental, visto que tal perspectiva impõe uma hierarquia, privilegiando, nesse caso, o homem, em detrimento da mulher. Esta ideia, no entanto, vem a ser desconstruída no romance, em questão, ao instaurar uma ruptura aos modelos impostos e esperados para uma mulher.

## A REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NA LITERATURA

A representação do corpo da mulher é evidenciada no romance através das escolhas da protagonista, que através desse local de tantas expressões metafóricas, toma suas decisões, demonstrando autonomia sobre o seu corpo. Sofia decide deixar um casamento fadado ao fracasso, pois passa a não se reconhecer ao lado de um homem, que a trata como inferior; corroborando o binarismo tão bem discutido pelo feminismo na terceira onda. O fragmento a seguir desvela a maneira como a literatura pode ser considerada um lugar de resistência das autoras femininas, pois é a partir da auto-representação que a

escritura feminina será um espaço efetivo de voz da mulher.

Sabendo ser sozinha, foi embora sem olhar para trás, entre outras coisas porque ele se tornara um castrador, porque não parava de cobrar, porque fazia a toda hora perguntas como - "Quando é que você, afinal, vai assumir a cozinha?" - mesmo sabendo que ela detestava isso. Saber ser sozinha, a consciência de que não precisava fazer sexo quando não estiver com vontade. Saber ser sozinha, curtir seu espaço, andar de um lado para outro num apartamento só seu. (AS, 1989, p.13).

Vê-se que as cobranças do marido de Sofia atestam a ressonância do modelo proposto pela Revolução Francesa que acentua a definição das esferas pública e privada, "valoriza a família e diferencia os papéis sexuais ao opor homens políticos e mulheres domésticas (e, no entanto chamadas de *cidadãs*)" (PERROT, 2005, p.458). Indo embora, a personagem nega e rompe com a estrutura hierárquica, que a colocava em lugar de desvantagem, desafiando a *doxa* patriarcal.

A consciência da personagem, de que não precisava fazer sexo, quando não estivesse com vontade, desvela outra forma de subjugação, à do corpo, pois ele está no centro de toda relação de poder, o corpo das mulheres não lhes pertence. Na família, ele pertence a seu marido que deve "possuí-lo" com sua potência viril (*idem*, 2005, p.447). O corpo é um meio determinante para a passividade da mulher, visto que a suposta inferioridade, que marca o seu sexo, explica-se, através de fatores biológicos, mas Judith Butler, teórica feminista, concebe o corpo como um objeto cultural, preocupando-se com o corpo vivido e representado, como um lugar de contestação.

O corpo é representado como um mero *instrumento* ou *meio* com o qual um conjunto de significados culturais é apenas extremamente relacionado. Mas o "corpo" é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de "corpos" que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero; e emerge então a

questão: em que medida pode o corpo vir a existir na(s) marca(s) do gênero e por meio delas? Como conceber novamente o corpo, não mais como um meio ou instrumento passivo à espera da capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial? (*ibidem*, 2008, p. 27).

A teoria de Cixous (2001) visa a rechaçar o conjunto de sistemas simbólicos, que inclui arte, religião, família e linguagem, por exemplo, elaborados, indistintamente, a partir dos mesmos esquemas. O outro simbolizado na exclusão, sempre foi o espaço ocupado pela mulher e o sentimento de estranheza a colocou num plano de deslocamentos, que a impossibilitou de inscrever-se na literatura de forma a representar seus desejos, e não pode habitar sua casa, isto é, seu próprio corpo. Nesse espaço, a mulher é representada sempre de forma passiva, ou simplesmente inexistente. A escrita feminina, como campo de subversão à economia falocêntrica, engendrará para, Cixous, uma perspectiva em consonância com as especificidades da mulher, e cabe a teoria feminista superar o discurso que regula o sistema falocêntrico.

Tal discurso acaba por circunscrever a identidade da mulher, e o corpo como um dos locais de inscrição de identidade, por estabelecer as fronteiras, que definem quem somos nós, é também mencionado no livro num momento, em que a personagem parece entrar em crise acerca de sua identidade, Sofia relata um momento em que se sente invisível: “No chão da sala de seu apartamento no Rio, nua mas invisível – os painéis de espelhos que cobrem uma das paredes não refletem sua imagem”. (AS, 1989, p122). A visibilidade de Sofia representa, pois, a necessidade de auto-afirmação, ao passo que a invisibilidade traduziria o seu ‘não-estar’ no mundo:

Longas horas fumando, felizmente tinha um pacote inteiro de cigarros de reserva, a lembrar seu cotidiano dos tempos em que, a essa altura, podia ser chamada de mulher normal. Sim, humilde e alegremente, uma mulher de classe média brasileira, descasada, solitária, sem nenhuma importância, porém visível. (AS, 1989, p.125)

A dominação do homem sobre o corpo da mulher, um dos aspectos que tão bem caracterizam a estrutura patriarcal, é também explicitado no início do livro, ao mostrar Lilith e Adão, personagens bíblicos. Relacionando Lilith à personagem central de seu livro, Sônia Coutinho evidencia a insubmissão da mulher a partir da possibilidade de dominação:

Eu, Lilith. A primeira companheira de Adão, a mulher suja de sangue esaliva que lhe perguntou: "Por que devo me deitar embaixo de você? Porque devo me abrir debaixo do seu corpo? Por que ser dominada por você? Mas eu também fui feita de pó e por isso sou sua igual.

Voei então para muito longe, em direção às margens do Mar Vermelho, e Jeová decretou: "o desejo de mulher é para seu marido. Volte para ele". Ao que eu respondi: "Não quero mais nada com meu marido".

Jeová mandou à minha procura uma formação de anjos, que me alcançaram nas charnechas desertas do mar Arábico, cujas águas atraem os demônios. Estava cercada de criaturas das trevas, quando chegaram os anjos enviados por Jeová. Disse a eles: "Não vou este é meu lugar". E fiquei, e conquistei minha liberdade em minha solidão" (AS, 1989, p.12).

Para Foucault (1987), o controle dos corpos evidencia o poder de disciplina, pois os métodos que permitem o controle detalhado do corpo, realizando a sujeição constante de suas forças, impondo-lhes uma relação de docilidade, é o que se pode chamar de disciplina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, ainda que Sofia sinta-se sozinha e às vezes culpada por ter abandonado as filhas, sua decisão foi relevante, pois representou a insatisfação da mulher diante de tantas impositões: casamento, maternidade, família, instituições panópticas que durante muito tempo lhe negou a sua condição de sujeito. Foucault (2001) ao descrever o dispositivo *panóptico*,

expõe as formas de poder que as instituições exercem sobre os indivíduos numa sociedade, pois o seu efeito mais importante seria induzir no detento a ideia consciente e permanente de visibilidade que atesta e assegura o funcionamento efetivo e automático do poder.

O casamento e a família, instituições panópticas, objetivam a ordem e um modelo de comportamento. E Sofia, embora consciente de suas decisões, consequência dos seus posicionamentos críticos ao ideal de mulher, sente as marcas da violência simbólica, descrita por Pierre Bourdieu, como a assimilação das regras, à “força simbólica” como uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, tão naturalmente e sem qualquer coação física (*apud*, Xavier, p.38)

Assim, a narrativa coloca a mulher em condição de sujeito, decidindo sua vida e suas escolhas, mesmo que estas pesem sobre uma mulher que foi educada para servir e obedecer a seu marido.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2v
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 2. e. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- COLLIN, Françoise. Teorias das diferenças dos sexos. In: *Dicionário crítico do feminismo*. – Helena Hirata et al (Org.) São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- CIXOUS, Hélène. La risa de La Medusa. *Ensayos sobre La escritura*. Tradução Ana Maria Moix. Antropos Editorial, 2001.
- COUTINHO, Sônia. *Atire em Sofia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Feminismo e desconstrução: anotações para um possível percurso. In: *Gênero e Representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Vigília e Punir*. Tradução de Petrópolis: Vozes, 1987.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.



- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SCOTT, Joan Walach. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Mulheres, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como representação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MOI, Toril. *Teoría literaria feminista*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2006.
- XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? o corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.
- WOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do livro S/A, 1928.